



<http://dx.doi.org/10.15448/1980-864X.2024.1.45807>

SEÇÃO LIVRE

“Não tem como a gente fugir do que nos ensinam”: debates sobre memória pública e educação com estudantes do ensino secundário português

“There’s no escaping what they teach us”: debates on public memory and education with Portuguese secondary school students

“No hay escapatoria a lo que nos enseñan”: debates sobre memoria pública y educación con estudiantes portugueses de secundaria

Alice Balbé¹

orcid.org/0000-0002-9584-1966
alicedb.jornal@gmail.com

Luiza Lins¹

orcid.org/0000-0002-6131-9264
luizaalins@gmail.com

Rosa Cabecinhas¹

orcid.org/0000-0002-1491-3420
cabecinhas@ics.uminho.pt

Recebido em: 03 mar. 2024.

Aprovado em: 13 jun. 2024.

Publicado em: 04 out. 2024.

Resumo: Neste artigo, analisamos as discussões de estudantes do ensino secundário sobre personalidades históricas nacionais, trazendo reflexões sobre questões de gênero, memória e educação. Foram realizados grupos focais com 75 estudantes do ensino secundário em Portugal, entre 2022 e 2023. Entre os resultados, identificamos uma historiografia androcêntrica e personalidades ligadas ao expansionismo, ao colonialismo e à escravidão. Houve, ainda, um esforço por parte de alguns jovens para a inclusão de mulheres, mesmo que tenham sido lembradas pelo papel de rainhas – mães, cuidadoras e educadoras; foram identificadas mulheres da contemporaneidade destacadas no atletismo, na música, na literatura e na carreira política. Os resultados apontam para um paradoxo quanto aos estudantes: por um lado, aderem quase acriticamente ao mito do luso-tropicalismo; por outro, revelam um profundo desconhecimento da história dos países outrora colônias portuguesas.

Palavras-chave: história; memória coletiva; gênero; colonialismo.

Abstract: In this article, we analyze secondary school students' discussions about national historical figures, reflecting on issues of gender, memory and education. Focus groups were held with 75 secondary school students in Portugal between 2022 and 2023. Among the results, we identified an androcentric historiography and personalities linked to expansionism, colonialism and slavery. There was also an effort on the part of some young people to include women, although they were remembered for their role as queens – mothers, caregivers and educators –, contemporary women were identified who stood out in athletics, music, literature and political careers. The results also point to a paradox regarding the students: on the one hand, they adhere almost uncritically to the myth of Luso-Tropicalism; while on the other, they reveal profound lack of knowledge of the history of the countries that were once Portuguese colonies.

Keywords: History; Collective Memory; Gender, Colonialism.

Resumen: En este artículo se analizan los debates de estudiantes de secundaria sobre personalidades históricas nacionales, reflexionando sobre cuestiones de género, memoria y educación. Se realizaron grupos focales con 75 estudiantes de secundaria en Portugal entre 2022 y 2023. Entre los resultados, identificamos una historiografía androcéntrica y personalidades vinculadas al expansionismo, al colonialismo y a la esclavitud. También hubo un esfuerzo por parte de algunos jóvenes para incluir a las mujeres, aunque se las recordaba por su papel de reinas – madres, cuidadoras y educadoras –, se identificaron mujeres contemporáneas que destacaron en el atletismo, la música, la literatura y la carrera política. Los resultados apuntan también a una paradoja en relación con los estudiantes: por un lado, se adhieren casi acriticamente al mito del luso-tropicalismo, mientras que, por otro, muestran un profundo desconocimiento de la historia de los países



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), Universidade do Minho, Braga, Portugal.

que fueron colonias portuguesas.

Palabras clave: historia; memoria colectiva; género; colonialismo.

Introdução

Nas últimas décadas, várias discussões eclodiram sobre as representações de personalidades que fizeram parte da história em diversos países com passado colonial, e especialmente relacionado com o passado escravagista. Os monumentos e estátuas foram os principais alvos dessas manifestações, principalmente em protestos antirracismo após a morte de George Floyd nos Estados Unidos da América, em 2020 – mas não só. As diversas manifestações reforçaram publicamente a necessidade de repensar sobre quem são as pessoas homenageadas e o que representam hoje na história, como também a importância de um olhar crítico sobre a história e o ensino de história.

O passado e o presente disputam espaços públicos quando nos referimos às cidades e à memória pública. As representações sobre as passagens históricas podem ser encontradas em diversas fontes e narrativas – como a mídia, em manuais escolares, em filmes, em museus e nas histórias orais –, além de nos monumentos, moldando auto e heterorrepresentações (Carretero *et al.*, 2017; Mendes; Valentim, 2012). Ou seja, a história não se restringe, assim, aos historiadores; esses saberes, representações e memórias interagem com os diferentes sistemas (Oliveira, 2022).

No Brasil, a estátua em homenagem ao bandeirante Manuel de Borba Gato foi incendiada², na cidade de São Paulo, em 2021. Na cidade de Bristol, Inglaterra, foi derrubada³ a estátua de

Edward Colston, traficante de pessoas escravizadas, em 2020. Estátuas de Cristóvão Colombo foram derrubadas na Colômbia⁴, em Barranquilla, em 2021, e nos Estados Unidos da América, em Richmond⁵, em 2020. Em Portugal, por exemplo, são frequentes os protestos contra a estátua do Padre António Vieira, em Lisboa⁶, desde a sua inauguração em 2017.

Outros casos de protestos contra monumentos foram registrados no Brasil nos últimos anos, sendo frequentemente reportados como “vandalismos”⁷ pela mídia ou órgãos oficiais. O monumento aos “Formadores da Nacionalidade”, em Aracaju, é um desses casos em que as intervenções aconteceram. Inaugurado em 2006, o monumento é composto por estátuas de Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes), Joaquim Nabuco, D. Pedro II, José Bonifácio, Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, Barão do Rio Branco, Duque de Caxias e Princesa Isabel, a única mulher. Mais tarde, em 2012, foi incluída a estátua de Zumbi dos Palmares. As estátuas de Tiradentes, propagandista da Inconfidência, movimento também conhecido como Conjuração Mineira contra a coroa portuguesa (em 1789), e Zumbi dos Palmares, líder do quilombo dos Palmares, foram derrubadas em atos reportados como “vandalismo” pela prefeitura⁸, respectivamente em 2018 e 2022. Embora aprofundamentos sobre as intervenções realizadas e o modo como são reportadas não estejam nos objetivos deste trabalho, destacamos que diferentes manifestações e protestos como esses têm sido discutidos como disputas de narrativas na esfera pública e quanto aos usos do passado no presente. Assim, o que os exemplos evidenciam é a importância de se discutir criticamente a memória pública,

² ESTÁTUA de Borba Gato é incendiada em São Paulo. **G1 SP**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/noticia/2021/07/24/estatuadeborba-gato-e-incendiada-por-grupo-em-sao-paulo.ghtml>. Acesso em: 10 jan. 2024.

³ EDWARD Colston statue: Protesters tear down slave trader monument. **BBC News**. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-52954305>. Acesso em: 10 jan. 2024.

⁴ MANIFESTANTES colombianos derrubam estátua de Cristóvão Colombo. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2021/06/29/manifestantes-colombianos-derrubam-estatuade-cristovao-colombo.htm>. Acesso em: 8 jan. 2024.

⁵ CHRISTOPHER Columbus statues toppled in Virginia and beheaded in Boston. **The Guardian**. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2020/jun/10/christopher-columbus-statue-toppled-virginia>. Acesso em: 9 jan. 2024.

⁶ ESTÁTUA do padre António Vieira vandalizada em Lisboa. **Diário de Notícias**. Disponível em: <https://www.dn.pt/pais/estatuado-padre-antonio-vieira-vandalizada-em-lisboa-12302632.html/>. Acesso em: 8 jan. 2024.

⁷ Embora seja muito relevante, não cabe neste artigo uma discussão conceitual sobre o qualificativo de “vandalismo”, termo que está atualmente em disputa e que aprofundaremos em futuro trabalho sobre memória pública.

⁸ ARACAJU. Empresa Municipal de Serviços Urbanos. Disponível em: https://www.aracaju.se.gov.br/noticias/servicos_urbanos/. Acesso em: 3 fev. 2024.

(re)pensar as personalidades nacionais e o que representam hoje.

Além disso, a memória pública (livros escolares, toponímia, monumentos, etc.) é uma memória no masculino (Cabecinhas, 2018b). Estudos sobre a representação das mulheres em monumentos históricos apontam que há uma discrepância entre a quantidade de esculturas masculinas e femininas. Em um estudo realizado na cidade de São Paulo, a maior cidade do Brasil e da América Latina, Xavier (2020) identificou 88 esculturas masculinas e 7 femininas, citando também estudos na cidade do Rio de Janeiro, onde foram identificados 217 monumentos masculinos e 14 femininos.

O mesmo acontece com o nome das ruas; segundo pesquisa do Medida SP, de 70 mil logradouros⁹ da cidade de São Paulo, somente 5 mil têm nomes de mulheres. E a assimetria de gênero também pode ser observada nos títulos atribuídos às personalidades: os títulos religiosos são mais comuns para mulheres, principalmente "santa"; os profissionais, como "doutor", para homens (Loureiro, 2018). Em Portugal, estima-se que somente 15% do total de ruas com nomes próprios sejam de mulheres, e um terço refere-se a figuras religiosas (Costa, 2018).

Repensar o passado e analisar o presente é fundamental para a construção de futuros mais justos e inclusivos (Cabecinhas *et al.*, 2022). Ao analisar a memória histórica, é fundamental ter em conta o que é esquecido, o que é lembrado e como é lembrado (Cabecinhas, 2023; Erll, 2023), assim como os vínculos e as estruturas sociais que sustentam a lembrança e o esquecimento (Assmann, 2008; Cabecinhas, 2018a).

As representações sociais são uma forma de entendimento e comunicação (Moscovici, 2001). Os atores sociais têm um papel ativo na sua produção e transformação, o que envolve configurações culturais e dinâmicas sociais, explicando, pois, determinadas hegemonias e a reificação de algumas representações sociais (Cabecinhas; Lima; Chaves, 2006). Assim, visando

perceber representações sociais da história e, especificamente, como os jovens de hoje interagem sobre os acontecimentos históricos de Portugal, foram realizados grupos focais com 75 estudantes do ensino secundário, em sala de aula, os quais foram solicitados a elaborar em conjunto uma lista das dez personalidades que consideravam mais relevantes na história de Portugal, justificando essa escolha.

O grupo focal é uma técnica com grandes potencialidades, especialmente em pesquisas no campo da investigação-ação, pois promove a discussão sobre determinados temas, reconhecendo o fato de "o diálogo e a partilha de experiências durante os grupos focais poderem funcionar como impulsionadores de um processo de mudança social e coletiva" (Cabecinhas; Lobo, 2024, p. 4), permitindo identificar diferentes dinâmicas, os significados, as crenças, a cultura, os ativismos e as lógicas sociais nesses processos de interação. Nessa técnica qualitativa, a pessoa responsável pela moderação lança temas que são discutidos por um grupo, geralmente entre seis e doze participantes, com recurso de eventuais materiais-estímulo.

Neste artigo, buscamos explorar essas memórias sociais sobre a história de Portugal, bem como estimular debates sobre história, memória e educação através das discussões sobre as personalidades do País "lembradas" e "esquecidas", em grupos focais realizados com jovens em escolas públicas da região Norte.

Memória, tempo e história

A noção de passado e história nos estudos sociais envolve a relação entre pessoas, grupos e dinâmicas sociais e históricas. Isso fica ainda mais evidente quando se busca refletir sobre a "memória da nação", como discute Cabecinhas (2023), pois existe uma série de desafios que precisam ser ultrapassados em estudos da cultura e da memória, como as desigualdades internas e externas.

Halbwachs (1995) fez a distinção entre a me-

⁹ "Espaço público comum que pode ser usufruído por toda a população" (DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/logradouro>. Acesso em: 10 jan. 2024).

mória individual e a coletiva e acrescentou a definição da memória histórica como a divisão temporal, seja de séculos em períodos, seja de tragédias em atos. Assmann (2008) desenvolveu a ideia de memória social, que envolve falar dos níveis tempo, identidade e memória. Optando por focar na dicotomia de memória comunicativa e memória cultural, a estrutura de participação na dimensão social é o que as diferencia. Assmann reforça, assim, a importância da socialização e da comunicação na memória, assim como destaca o conceito de "memória coletiva" de Halbwachs (1995), por considerar a esfera cultural da memória. Para Assmann (2008, p. 110), "a memória cultural é uma forma de memória coletiva, no sentido de que é compartilhada por várias pessoas e que transmite a essas pessoas uma identidade coletiva, ou seja, cultural", pode ser objetificada, é exterior, um tipo de instituição com suas formas simbólicas, baseada em determinados "pontos fixos no passado" (Assmann, 2008, p. 121). Já a memória comunicativa "vive na interação e na comunicação cotidiana" (Assmann, 2008, p. 111), sem a formalização, nem materialização.

No âmbito da memória social, considera-se a memória como uma memória dinâmica, em que o individual, o interno, mistura-se ao externo. A memória é, por isso, socialmente construída através de processos comunicativos entre indivíduos e em grupos, é um processo e um produto com contextos sociais e culturais (Cabecinhas, 2019).

O mundo histórico é formado por histórias parciais, onde pode ser possível representar uma "memória universal da raça humana", mas não uma memória universal, nem uma história universal como tentou-se fazer (Halbwachs, 1995, p. 216-217). Assim, "toda memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo" (Halbwachs, 1995, p. 217).

Como refere Oliveira (2022, p. 26), "os laços entre memória, política e escrita da história são tão delicados e indissolúveis quanto as imbricações entre o movimento da história e os modos pelos quais os contemporâneos registraram-no e perpetuaram sua memória". O ensino de história como disciplina foi – e ainda é em muitos casos – marcado pela política educacional nacional,

havendo ênfase à história nacional, e até mesmo à nacionalista.

No âmbito do ensino de história, pensadores têm discutido a construção de um sentido histórico de um "sujeito social", com incentivos a uma abordagem sobre a história da humanidade que "dá sentido à história" (Ecker, 2022). Nesse modelo de pensamento histórico, "os seres humanos ganham identidade" ao refletir sobre o tempo, considerando o passado e suas experiências, como também a intenção de vida futura e as possibilidades de atuação; assim, a consciência histórica é também uma construção social (Ecker, 2022, p. 2685-2687). Ecker (2022) defende que esse modelo de construção social deve ser preparado desde a formação de professores de ensino de história, abordando ainda os métodos de observação do processo de aprendizagem.

Quando falamos desse passado como memória pública, é preciso lembrarmos que "toda representação do passado é essencialmente polissêmica, envolvendo conflito e negociação entre interesses políticos, sociais e culturais" (Peralta, 2007, p. 14), de modo que é preciso, assim, considerar no presente de que forma essas memórias são abordadas e discutidas. Isso significa que, no âmbito da esfera pública, esses processos de lembrança e esquecimento estão interligados, "o 'esquecimento' não é aleatório nem inócuo, pois resulta de processos de seleção e filtragem, deliberados ou não, que reduzem substancialmente o espectro das recordações possíveis num dado contexto histórico" (Cabecinhas, 2023, p. 769). Essa "memória histórica é simultaneamente causa e efeito das dinâmicas sociais, moldando e sendo moldada pelas desigualdades materiais e simbólicas" (Cabecinhas, 2023, p. 770).

Pensando nisso, é necessário discutir "uma (re) construção das histórias do mundo – que questione e problematize, a várias vozes, a perspectiva dominante – terá necessariamente de abordar aspectos polêmicos, contestando a posição e a legitimidade das representações dominantes", numa visão crítica e não eurocêntrica (Meneses, 2008, p. 76). O esforço de inclusão da "visão do outro" é perceptível nos manuais escolares por-

tugueses mais recentes, mas essa inclusão tem sido feita de modo limitado, reificando narrativas dominantes. Cabecinhas *et al.* (2022) analisaram as representações sobre o "mundo lusófono" na contemporaneidade, a partir de manuais escolares portugueses do 10º ao 12º ano (2019), e concluíram que, apesar disso, especialmente em períodos que podem ser considerados mais sensíveis da história nacional, é reforçada uma visão eurocêntrica e androcêntrica, sem desafiar as representações hegemônicas.

Os manuais escolares têm importante papel na disseminação das representações sociais e memórias coletivas, sendo o suporte didático mais utilizado em sala de aula. Diversos estudos sobre manuais escolares têm apontado a persistência de representações anacrônicas e acriticas, especialmente no caso da análise sobre o colonialismo e a escravidão (Mendes; Valentim, 2012; Squinelo; Solé; Barca, 2018; Valentim; Miguel, 2018).

Estudos recentes evidenciam que persistem marcas do mito do luso-tropicalismo na sociedade portuguesa, nomeadamente a crença de que os portugueses têm especial aptidão à miscigenação (cultural e biológica) (Freyre, 1933) e são imunes ao racismo. Esse mito tem alimentado a ideia de uma colonização mais branda que considerava uma dita singularidade do modo português de estar no mundo e foi seletivamente apropriada pelo regime salazarista, como forma de legitimar os territórios ultramarinos (Castelo, 1999). A persistência desse mito pode ser observada, por exemplo, no estudo de Sousa (2021), ao analisar os discursos do presidente da república Marcelo Rebelo de Sousa durante seu primeiro mandato (2016-2021): evidencia-se como foram utilizadas expressões repaginadas para apontar a abertura e a tolerância à mistura de culturas do povo português, destacando a "portugalidade" e remetendo ao legado imperial do País, em referência à capacidade de trazer a Portugal e à Europa o desconhecido. Semelhanças, por isso, com a análise de Cardina (2016) sobre discursos de Aníbal Cavaco Silva, entre 2006 e 2014, época em que foi presidente de Portugal, exaltando a presença de Portugal no mundo e o legado da

língua. Também na cultura, Cardão (2013) identificou que o Estado Novo procurou incluir suas ideias de império e unidade nacional na música popular, sobretudo voltado à juventude, o que chamou de "lusó-tropicalismo banal".

Estudos sobre as representações sociais da história em países de língua portuguesa têm evidenciado memórias divergentes sobre o passado colonial (*e.g.*, Cabecinhas, 2019; Cabecinhas *et al.*, 2022; Feijó; Cabecinhas, 2009). Enquanto os estudantes universitários portugueses destacaram o período expansionista dos "descobrimientos" como algo positivo, os brasileiros demonstraram sentimentos mais ambivalentes quanto à chegada e à colonização portuguesas. Os estudantes dos países africanos falantes de língua portuguesa referiram mais a violência colonial e as lutas de libertação. De um modo geral, as memórias históricas desses jovens tenderam a mostrar-se "alinhadas com a versão dominante da história nacional na esfera pública dos respectivos países" (Cabecinhas, 2019, p. 22).

No caso de Portugal, o ano de 2024 marca as comemorações dos 50 anos da Revolução dos Cravos, a Revolução de 25 de Abril de 1974, também designada como "Dia da liberdade", que pôs fim a 48 anos de ditadura. A data foi considerada uma das mais importantes no estudo de Lins, Brasil e Cabecinhas (2024) com jovens de escola pública portuguesa, sobre representações sociais, tendo sido os participantes provocados a contar a história do País a uma pessoa estrangeira. As palavras "revolução dos cravos", "ditadura" e "liberdade" estavam entre as mais frequentes nas narrativas, associadas ao 25 de Abril; por outro lado, também foram muito referidas pelos estudantes, no âmbito da história nacional, palavras como "descobrir", "conquista" e "marítimo", relacionadas aos "Descobrimientos", ou período expansionista. São essas duas narrativas as predominantes na memória social sobre a história do País.

No estudo de Barca (2007), que analisou as referências a marcos históricos nos contextos nacional e global nos últimos cem anos através de textos de jovens do 10º ano, os jovens identificaram a ditadura salazarista e o período iniciado a partir do 25 de abril de 1974 como os

momentos-chave da história. No âmbito da história nacional, os jovens referiram, por exemplo, a Guerra Colonial e a liberdade de expressão, em relação ao 25 de Abril. Além disso, identificaram os protagonistas que desempenharam papéis de vilões e vítimas e alguns poucos personagens individuais com visibilidade positiva. Os jovens portugueses referiram as seguintes personalidades como protagonistas: Salazar, D. Carlos I (penúltimo rei, assassinado), Jorge Sampaio (ex-presidente da República), D. Manuel II (último rei), Manuel de Arriaga e Teófilo Braga (iniciadores da República), Saramago (Nobel de Literatura), Figo e Eusébio (jogadores de futebol). Os resultados desses estudos mostraram, portanto, que os protagonistas "lembrados" da história de Portugal foram todos homens.

Método

Nesta investigação, utilizamos o grupo focal na recolha de dados porque essa técnica permite auscultar não apenas percepções e discursos individuais (como nas entrevistas), mas um discurso social à medida que possibilita a análise do modo como os participantes constroem a realidade social em interação (Cabecinhas; Lobo, 2024). Os grupos focais¹⁰ analisados no contexto deste artigo envolveram a participação de 75 estudantes do ensino secundário público, com idades entre 16 e 19 anos (*Média* = 17,2 anos; *Desvio Padrão* = 0,83), na região Norte de Portugal (Braga e Barcelos), em 12 grupos focais. Os grupos foram compostos por uma média de seis participantes. A maioria era de nacionalidade portuguesa (82,7%), seguida da brasileira (6,7%), e outras em menor frequência (10,6%). Dos participantes, 46 (61,3%) identificaram-se como do gênero feminino e 29 (38,7%) do gênero masculino. A maioria dos participantes (78,4%) relatou não ter experiência migratória direta. Mas, durante os grupos focais, alguns referiram migrações de familiares (pais, avós, etc.) o que, de algum modo, pode ter contribuído para a construção de suas representações.

As sessões tiveram duração média de 40

minutos e foram realizadas em sala de aula. Inicialmente, a equipe entrou em contato com a direção de escolas e com professores responsáveis pelas turmas do 11^o e 12^o anos. As sessões decorreram entre março de 2022 e março de 2023. No início de cada sessão, os estudantes preencheram o consentimento livre e informado e um curto questionário sociodemográfico. Após a confirmação da participação voluntária, os estudantes foram provocados a descrever em poucas linhas a história do seu país a uma pessoa estrangeira, como forma de motivá-los a pensar nas características do país e no contexto histórico. A seguir, já em grupos, foi solicitado que os estudantes organizassem uma lista com as 10 "personalidades históricas" que, na sua opinião, eram as mais importantes, e justificassem a escolha. Depois de os grupos terem terminado a nomeação e ordenação livre de personalidades, foram confrontados com materiais-estímulo, com as imagens das personalidades que tinham sido escolhidas por estudantes em outras escolas, em estudos anteriores, para discussão, identificação e reflexão sobre a lista elaborada.

Num primeiro momento de exposição ao materiais-estímulo, foi apresentada uma vinheta (figura 1), composta por imagens das 10 personalidades que tinham sido consideradas as mais importantes na história de Portugal. A montagem tem retratos de diferentes tamanhos, sendo o tamanho da imagem proporcional à percentagem de nomeação espontânea das 10 personalidades mais nomeadas em estudo anterior realizado em Portugal (Cabecinhas, 2018a). Em seguida, foi perguntado aos grupos se reconheciam as 10 personalidades representadas e por que teriam sido escolhidas pelos jovens dos estudos anteriores. A seguir, o mesmo procedimento foi efetuado com uma vinheta (figura 2) representando as 10 personalidades mais escolhidas em estudo anterior realizado em Moçambique (Feijó; Cabecinhas, 2009).

¹⁰ A Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) da Universidade do Minho emitiu o parecer favorável ao desenvolvimento do projeto e atribuiu-lhe a referência CEICSH 025/2020.

FIGURA 1



Legenda: Material-estímulo sobre as representações sociais da história de Portugal. Estão nas imagens: Salazar, D. Afonso Henriques, Luís de Camões, Fernando Pessoa, Vasco da Gama, Marquês de Pombal, D. Dinis, José Saramago, Pedro Álvares Cabral e Salgueiro Maia.

Fonte: Cabecinhas (2018a).

FIGURA 2



Legenda: Material-estímulo sobre as representações sociais da história de Moçambique. Estão nas imagens: Samora Machel, Eduardo Mondlane, Joaquim Chissano, Ngungunhane, Afonso Dhlakama, Josina Machel, Lurdes Mutola, Graça Machel, Marcelino dos Santos, José Craveirinha.

Fonte: Cabecinhas (2018a).

Finalmente, foram efetuados o encerramento e o agradecimento aos participantes. Este artigo restringe-se à discussão sobre as personalidades históricas.

Procedimentos de análise de dados

As falas dos grupos foram transcritas e caracterizadas quanto às informações gerais da sua composição: local e data de realização; participantes identificados por idade e gênero; a moderação de cada sessão. Características como a nacionalidade da moderadora (portuguesa ou brasileira), o contexto do debate e outras características específicas dos grupos em interação também foram consideradas no processo de transcrição. Os nomes dos participantes foram substituídos por nomes fictícios.

Os grupos focais foram analisados seguindo princípios da análise temática (Braun; Clarke, 2006). Inicialmente, foi realizada uma leitura flutuante de todos os grupos (*corpus* de análise); em um segundo momento, foram codificados os excertos que apresentavam questões centrais em relação aos objetivos desta investigação, por similaridade semântica. Com esse agrupamento, iniciou-se o processo de categorização, quando foram propostas categorias que representavam os principais núcleos de sentido identificados na análise. A partir da categorização, todo o *corpus* foi reavaliado a fim de verificar as unidades temáticas propostas.

Nesse processo, foram ainda compiladas as listas de personalidades organizadas pelos estudantes nos grupos focais e mapeadas as personalidades por área de atuação. As transcrições permitiram analisar as personalidades além das listagens produzidas por cada grupo, uma vez

que houve discussão entre os participantes para a definição das 10 personalidades mais importantes. Assim, este artigo realiza uma reflexão sobre os nomes que foram espontaneamente mencionados e escolhidos pelos jovens e outros "não lembrados", dentro do contexto da discussão.

Análise e discussão sobre as personalidades

No Top 10 das personalidades que os jovens ordenaram em função da relevância para a história do País, todos os grupos nomearam Luís de Camões; nove grupos nomearam D. Afonso Henriques, Pedro Álvares Cabral, Vasco da Gama e Cristiano Ronaldo; oito grupos citaram António de Oliveira Salazar; seis grupos mencionaram D. Dinis. No total, foram referidas somente sete mulheres, sendo que apenas quatro foram nomeadas em mais do que um grupo: a cantora Amália Rodrigues, a atleta Patrícia Mamona, a rainha D. Maria II e a mítica Padeira de Aljubarrota (Brites de Almeida).

As principais fontes de informação sobre a história do País referidas pelos estudantes são as aulas de História, a escola, os professores de História e pesquisas na internet. Mas os jovens também referiram os jornais (entre impresso e televisão), a família, os filmes e o turismo (visitas a museus e cidades). Quando questionados sobre o consumo de informação para se manterem informados, os jovens referem a mídia e assumem que usam muito o telefone celular e as redes sociais.

A seguir, a tabela 1 apresenta o quadro resumo das personalidades citadas pelos estudantes nos 12 grupos focais. São identificadas as personalidades por grupos e a frequência total de citações.

TABELA 1 – Personalidades mais nomeadas no Top 10

Personalidade	G1	G2	G3	G4	G5	G6	G7	G8	G9	G10	G11	G12	Total ¹¹
Luís de Camões	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	12
Fernando Pessoa	X	X		X	X		X	X		X	X	X	10
D. Afonso Henriques		X		X	X	X	X	X	X		X	X	9
Pedro Álvares Cabral	X			X	X		X		X	X	X	X	9
Vasco da Gama	X			X	X		X	X	X	X	X	X	9
Cristiano Ronaldo		X	X	X	X			X	X	X	X	X	9
António de Oliveira Salazar			X	X	X	X			X	X	X	X	8
D. Dinis	X	X			X	X		X				X	6
Infante D. Henrique		X				X	X				X		4
José Saramago							X	X		X	X		4
Salgueiro Maia			X				X	X					3
D. Pedro I	X	X	X										3
Dona Maria II	X		X										2
Salvador Sobral									X	X			2
Padeira de Aljubarrota		X								X			2
Patrícia Mamona								X		X			2
D. Pedro IV						X			X				2
António Guterres								X			X		2
D. Sebastião				X								X	2
D. João I (Avis)					X		X						2
Amália Rodrigues		X										X	2
D. João VI	X									X			2

Fonte: elaboração própria.

Legenda: G = Grupo.

Seguindo princípios da análise temática (Braun; Clarke, 2006), analisamos as discussões que aconteceram nos grupos focais durante a escolha e reflexão sobre essas personalidades. Com isso, foram definidas três grandes temáticas: as "personalidades mais conhecidas", o "gênero da história" e "colonialismo". A seguir, discutiremos cada uma delas, seus principais conteúdos e diálogos representativos.

As personalidades: "Podemos não achar nada, mas temos que estudar"

Como referido anteriormente, o poeta Luís Vaz de Camões foi uma unanimidade entre todos

os grupos. Seguido por Fernando Pessoa, D. Afonso Henriques, Pedro Álvares Cabral, Vasco da Gama e Cristiano Ronaldo, presentes na lista Top 10 em dez dos doze grupos. Em um deles, ao organizarem a lista, uma estudante comenta em tom de resignação que são essas as pessoas da história: "Eu acho que não podemos achar nada, realmente, não termos uma opinião formada sobre eles, mas o facto é que todos os portugueses estudam essas pessoas. Podemos não achar nada, mas temos que estudar" (Camila, Grupo 5); e é complementada pela colega que concorda: "Sim. Toda a gente sabe quem é" (Bianca, Grupo 5).

¹¹ Essa tabela não inclui as personalidades que foram nomeadas em apenas um dos grupos.

Um dos grupos justificou a importância de Camões para a literatura e língua portuguesa, tendo também incluído na lista Fernando Pessoa e José Saramago (dois grupos, G7 e G8), um dos grupos incluiu António Guterres.

Carlota: Por algum motivo ele tem o dia, um feriado, não é?

Yasmin: Por causa dos Lusíadas, quando ele fala dos Descobrimentos. Por causa da língua portuguesa.

Mateus: Exato.

António: Também tentou levar e transmitir a cultura portuguesa, através do livro, a outros (Grupo 8).

No caso de Cristiano Ronaldo, houve, na maioria dos casos, alguma discussão, com os argumentos de que foi por causa dele que Portugal venceu o Campeonato Europeu de Futebol de 2016, fazendo, por isso, parte da história.

Benedita: O Ronaldo? Essencialmente o que é que ele traz, traz fama a Portugal.

Alfredo: Mas se tu fores a perguntar a qualquer pessoa que vem de fora o que é que conhecem de Portugal é o Ronaldo.

[...]

Benedita: Tá bem, mas António Guterres tem uma influência muito maior do que tem o Cristiano Ronaldo. O Cristiano Ronaldo só ganha dinheiro e chuta uma bola. António Guterres faz coisas pelo mundo. É diferente.

Martim: Não vamos só por aí (Grupo 11).

No quadro da elaboração da lista de personalidades, o nome de D. Afonso Henriques gerou pouca discussão, pois os estudantes focaram-se no argumento de que foi o primeiro rei de Portugal, tendo alguns grupos referido a batalha de São Mamede. Ao longo da discussão, os estudantes fizeram algumas declarações que demonstram escasso conhecimento histórico. Por exemplo, sobre Pedro Álvares Cabral, um dos estudantes mencionou "deu-nos ouro¹², tens de meter aí" (Grupo 8), sendo que a descoberta do ouro em Minas Gerais é do final do século XVII, isto é, quase duzentos anos após a efêmera passagem de Pedro Álvares Cabral no Brasil, em 1500. Noutro

caso, foi citado "por causa do descobrimento do Brasil" (Vicente, Grupo 5), sem que o uso do termo "Descobrimentos" tenha gerado discussão.

Por outro lado, a nomeação de Salazar provocou questionamento, como ilustra o seguinte diálogo:

Martim: Para mim, Salazar.

Bento: Ah?

Benedita: Não, não, não. Uma coisa é ser bom outra coisa é ser importante.

Alfredo: Pode ter sido um ditador, mas foi importante.

Margarida: Eu acho que por ser uma pessoa ruim, vocês não valorizavam que era bom.

Martim: Sim, mas ele fez coisas boas, ele teve muitas coisas boas também.

Bento: Ele evitou um conflito entre a nação portuguesa e outras nações, não entrando nas guerras mundiais (Grupo 11).

No Grupo 3, um estudante também defendeu a inclusão de Salazar na lista das personalidades por ser "marcante para a história" de Portugal:

Lourenço: Porque o Salazar foi uma das figuras que impôs uma ditadura em Portugal, apesar dos tempos modernos que nós temos hoje, que não foi há tanto tempo atrás. E foi uma das ditaduras mais recentes, de um país tão desenvolvido como Portugal, que faz parte também agora da União Europeia

(Grupo 3).

Uma jovem argumentou que foi uma personalidade importante na história de Portugal "[...] por causa da Guerra do Ultramar. Teve a ver com a ditadura, ele não queria que as colônias se tornassem independentes" (Mara, Grupo 7); e outra colega citou que "Eles utilizavam muitos escravos e tratavam as colônias muito mal" (Ariana, Grupo 7).

Também noutro grupo houve a discussão sobre a importância de Salazar para a história de Portugal:

Ariana: Salgueiro Maia, então.

Ema: O Salazar. Ele pôs a escola obrigatória.

Rita: Eu acho que faz sentido, porque...

¹² A referência ao ouro oriundo do Brasil chama a atenção porque a expressão "devolvam nosso ouro" tem sido usada por brasileiros nas redes sociais, desde 2015, e se popularizou a partir de uma disputa de piadas (memes) na internet entre portugueses e brasileiros (Chavarría, 2016).

Ariana: Não sei, porque...

Rita: Eu acho que faz sentido pôr.

Yara: Eu também acho que faz. Tem uma personalidade diferente de todos.

Mara: Ok, não. Dizes que ele fez o quê? Eu não me lembro do que é que ele fez, mas fez...

Yara: Conseguiu equilibrar a economia praí (Grupo 7).

Nessa discussão, referiu-se que o ensino obrigatório foi uma criação de Salazar, quando na verdade a frequência ao ensino primário em Portugal foi tornada obrigatória em 1878. Mais tarde, na Primeira República (1910-1926), o ensino passou a ser dividido em três escalões – ensino infantil, primário e primário superior –, e a escola passou a ser obrigatória até o segundo escalão, o que correspondia a até os 12 anos (Solé, 2017). No período da ditadura militar, as escolas primárias passaram a ser separadas por sexo (o que vigorou de 1926 até 1974) e, durante o Estado Novo (1933-1974), foi implementado o livro único por classe escolar, "um sistema de ensino altamente centralizador" (Solé, 2017, p. 94). Nesse período, a escolaridade obrigatória chegou a ser reduzida de cinco anos (na Primeira República) para três (no início do Estado Novo); foi somente alterada com a Reforma do Sistema Educativo em 1973, sob administração de Marcello Caetano, não mais com Salazar. As principais alterações no sistema de ensino português aconteceram após a Revolução de Abril de 1974. A Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n. 46/86, de 14 de outubro) foi aprovada em 1986: "o ensino básico – universal, obrigatório e gratuito – alarga-se a nove anos" (Solé, 2017, p. 97), tendo desde então passado por diversas revisões e alterações.

Os estudantes destacaram a participação do militar Salgueiro Maia no processo de organização da Revolução dos Cravos, como na liderança das tropas no 25 de Abril de 1974.

Laura: Porque foi o soldado que causou o 25 de Abril, que estava no terreno a comandar todas as tropas. E ele até pôs-se à frente de um tanque, e disse para dispararem contra ele se... e se eles disparassem aquilo ia dar muita confusão e não dispararam contra ele... (Grupo 3).

Tal referência evidencia a centralidade que,

em geral, é atribuída aos militares do Movimento das Forças Armadas (MFA) na luta pela libertação nacional, questão debatida no estudo de Lins, Brasil e Cabecinhas (2024) como forma de esquecimento ou "apagamento" das outras pessoas e movimentos sociais que lutaram no combate à repressão e pela liberdade, não apenas em Portugal, mas, também, nas antigas colônias africanas.

Embora com menos convicção, o nome do militar Otelo Saraiva de Carvalho também foi lembrado, considerando-o como estrategista da revolução:

Mara: Havia mais pessoas no 25 de Abril.

Gabriela: Eu sei que o Salgueiro Maia é o principal. É dos principais.

Ariana: Não era o Mário Soares?

Gabriela: Também o Otelo Saraiva.

Yara: Ok, ele fez o quê, lembra-te?

Gabriela: Otelo Saraiva foi dos que estava na frente.

Mara: Não, o Salgueiro Maia estava na frente. O Otelo Saraiva foi dos que esteve envolvido, era dos principais. Acho que é Saraiva, mas agora não tenho a certeza.

Ariana: Acho que sim (Grupo 7).

Depois de cada grupo terminar e consensuarizar quanto à listagem final do Top 10 de personalidades da história de Portugal, passava-se à fase seguinte da interação. Ao serem expostos à imagem sobre as dez personalidades mais escolhidas em estudos anteriores realizados em Portugal (figura 1), os estudantes reconheceram de imediato várias personalidades das imagens e compararam aquela lista com a sua própria. Uma das estudantes referiu, por exemplo, que compreendia a escolha dos estudantes na lista de personalidades importantes de estudos anteriores, uma vez que as consequências ainda são sentidas até hoje na sociedade. O grupo 10, por exemplo, acabou por lamentar ter esquecido de incluir D. Afonso Henriques e expressou surpresa ao ver o retrato de algumas pessoas como Marquês de Pombal e Pedro Álvares Cabral.

O rosto de Salazar foi um dos primeiros a ser identificado por outro grupo, quando observaram as imagens:

Moderadora: Vocês também, também o pu-
seram em primeiro lugar, foi exatamente o
mesmo que os vossos colegas há 10 anos atrás.

Gabriel: Eu acho que ainda do próprio conhe-
cimento, a escola tem muita influência nisso
e, por exemplo, se a escola usa essas pessoas
para ensinar e essa pessoa, os professores, as
escolas em si, ensinam isso para os alunos,
eles acabam lembrando e vão ser lembrados
até ao fim da vida. Então, por exemplo, talvez
há 10 anos atrás era muito mais falado alguns
nomes que hoje em dia já não são (Grupo 12).

Noutro caso, quando questionados se mante-
riam a ordem que haviam definido, os estudantes
discutiram:

Moderadora: E, esta ordem está boa para vo-
cês, ou gostariam de alterar esta ordem? [...] Tem
alguém que vocês acham que deveria
ficar em primeiro lugar?

(Estudantes discutem entre si e respondem):
D. Afonso Henriques

Moderadora: e, em segundo?

Vários estudantes ao mesmo tempo dizem:
Salazar.

Catarina: Eu não acho.

Moderadora: Não achas, por quê? Fala para
a gente.

Catarina: Porque ele não esteve bem pelo país.

Moderadora: Não esteve bem pelo país. E vo-
cês concordam com ela? Que ele não esteve
bem pelo país?

Diego e Helena: sim.

Moderadora: sim?

Diego: São as ideologias.

Moderadora: Alguém acha que ele esteve bem?

(Estudantes discutem)

Manuel: Bem, bem não.

Diego: Bem, não, mas é uma das pessoas mais
relevantes deste país.

Moderadora: Então, seja para o bem, seja para
o mal, foi relevante. É isso?

Diego, Manuel e Catarina: Sim, sim (Grupo 9).

Noutro grupo, também discutiram se o fim do
colonialismo aconteceu ainda sob governação de
Salazar ou não, comentaram sobre a independên-
cia das colônias, para lembrar também o nome
de Marcello Caetano, e disseram compreender
por que esses foram os nomes mais lembrados
também nos outros grupos:

Antónia: Pela história que eles tinham, o que
eles trazem junto, o que eles conquistaram

Francisca: Ya, pelo impacto que têm até na
sociedade, pelo menos o Salazar dá tipo um
exemplo claro do que não queremos que volte
a acontecer, do que aconteceu antes (Grupo 10).

Outro grupo acabou por reconhecer quase
todos os retratos e argumentou que são as per-
sonalidades mais estudadas:

Margarida: Porque é o que mais se fala na
escola principalmente.

Benedita: Uhum (expressão de concordância)

Martim: Sim, sem dúvida.

Alfredo: É o que estudamos mais.

Margarida: Então, é o nosso conhecimento. Não
tem como a gente fugir do que nos ensinam.

Benedita: E porque de fato foram marcantes.

Bento: Sim e mais tarde, personalidades dos
governos e assim, também serão mais valo-
rizados.

Alfredo: Não acho.

Margarida: Tipo, é mais fácil a gente olhar
para essas.

Alfredo: São mais valorizadas

[...]

Martim: É como eu já disse. Apesar de tudo
de mau que ele...

Alfredo: Ele ter sido um ditador

Bento: Sim, apesar de ele ter sido um ditador,
fez muitas coisas boas e ter tido um grande
papel de opressão e de não permitir a liberdade
de expressão, de perseguição, de detenção, de
interrogatórios através da PIDE, teve um papel
importante no não conflito com outras nações.

Alfredo: E não só.

Benedita: E nas infraestruturas.

Martim: O povo podia ser muito pobre, mas
o governo acho que nesta altura era dos que
tinha mais dinheiro da história de Portugal.

Margarida: Sim, foi o único ano em Portugal
que a balança estava...

Benedita: Ya, ya, ya.

Bento: A balança estava estável, exato.

Benedita: Não dava ao povo, mas... [risos]
(Grupo 11).

Os estudantes lembraram a declaração de
neutralidade de Portugal na II Guerra Mundial
(1939-1945) ao referirem que Salazar evitou o
"conflito com outras nações", mas esqueceram
as guerras coloniais (1961-1974) que decorreram
nas então províncias ultramarinas durante a go-
vernação de Salazar, as quais viriam a terminar

após o fim da ditadura salazarista. Além disso, não citaram, por exemplo, o papel do cônsul português Aristides de Sousa Mendes, que nesse período concedeu vistos a judeus e foi afastado de funções, por Salazar.

A discussão seguiu a respeito do tamanho das imagens na montagem mostrada aos estudantes, referindo que o tamanho da imagem representava a importância dada a determinada personalidade:

Moderadora: Se compararem o tamanho desta imagem e desta?

Margarida: Eu não sei bem quem é esse.

Bento: Salgueiro Maia foi um pioneiro na revolução do 25 de Abril de 74, mais conhecida pela Revolução dos Cravos e teve um papel importante na dissuasão do regime deste senhor e do seu sucessor, Marcello Caetano.

Benedita: Ele basicamente representa os que ajudaram a dissipar

Margarida: Igual que, por exemplo, se nós pensarmos na segunda guerra mundial, nós pensamos em Hitler. É por isso.

Bento: Por exemplo.

Benedita: Exato, se tivéssemos na Alemanha nós também diríamos isso. Não é por ser bom, mas ...

Margarida: Não é por ser bom, é pela importância, pelo impacto que ele teve nesse local.

Alfredo: É o único nome que nós conhecemos (Grupo 11).

Os estudantes, assim, entendem essas personalidades como as referências na história do País. Ainda que com uma visão, às vezes, crítica sobre o que cada personalidade representa ao olhar de hoje, argumentam que são ensinados sobre essas personalidades.

O gênero da história: "agora estamos à procura de mulheres"

Ao serem provocados a identificar 10 personalidades da história de Portugal, em quatro grupos, não foi mencionada nenhuma mulher. Ao todo, apenas sete mulheres foram citadas. Além das quatro mulheres referidas na tabela 1 – Amália Rodrigues, D. Maria II, Padeira de Aljubarrota, Patrícia Mamona –, três outras mulheres foram incluídas na lista em apenas um grupo: Carolina

Beatriz Ângelo, Maria de Lourdes Pintassilgo e a Rainha Santa Isabel.

O nome da cantora Amália Rodrigues foi citado espontaneamente e escolhido em dois grupos. Um grupo referiu que a fadista, "Em termos de cultura, foi uma grande cantora. É um símbolo também de Portugal" (Alexandra, Grupo 2), e o outro grupo sugeriu a inclusão porque é "bué¹³ mau ter poucas mulheres" (Sílvia, Grupo 12). Ainda que tenham também citado a poetisa Sophia de Mello Breyner e a Rainha Santa Isabel, somente o nome de Amália Rodrigues foi mantido no Top 10 em um dos grupos. Durante a discussão, ao ouvir a colega sugerir o nome de Amália, um rapaz chamou atenção dos colegas, o que suscitou o seguinte diálogo:

Ângelo: Uma mulher, estou a pensar numa mulher...

Sílvia: A Inês. Inês, não sei.

Moderadora: Qual Inês? Há várias.

Sílvia: A de D. Dinis.

Moderadora: Como?

Sílvia: A de D. Dinis, a mulher de D. Dinis.

Moderadora: A mulher de D. Dinis era Isabel.

Sílvia: Porra. (risos)

Moderadora: É a rainha Santa Isabel.

Sílvia: Põe essa.

[...]

Olívia: Outra mulher.

Inês: A Sophia de Mello Breyner.

Olívia: Jesus, ouvi tanto falar dela e esqueci-me (Grupo 12).

Esse grupo, ainda que tenha sugerido espontaneamente o nome de mulheres, acabou por fazer um empenho para lembrar de mais nomes. Ou seja, houve um esforço ativo para a inclusão de personalidades mulheres na lista.

Na mesma linha, mas noutro grupo, um estudante percebeu que não havia mulheres na lista quando estavam no oitavo nome, sendo rapidamente atendido pelo grupo (Grupo 8). O primeiro nome citado foi o da atleta Rosa Mota, porque "foi a primeira medalha de ouro para Portugal nos Jogos Olímpicos", e a seguir o da atleta Patrícia

¹³ Bué é uma expressão informal para referir intensidade ou quantidade, sinónimo de "muito".

Mamona, tendo todos concordado em manter Patrícia na lista. Além disso, cabe referir que foi lembrado o nome de Ebba Merete Seidenfaden, conhecida como Snu Abecassis, fazendo referência ao trabalho dela como editora e também ao "romance" com Francisco Sá Carneiro. Nesse caso, a dinamarquesa Ebba (Snu) foi referida como uma feminista: "Foi a primeira mulher a criar uma editora em Portugal (a Dom Quixote). Teve um romance tipo D. Pedro e Inês. Rompeu com vários paradigmas. Foi uma feminista forte de Portugal" (Carlota, grupo 8). Cabe ainda referir que Snu Abecassis é uma das personagens da série de ficção "3 Mulheres de palavra fazem revolução" (2018, RTP), junto com a poetisa Natália Correia e a jornalista Vera Lagoa (pseudónimo de Maria Armada Falcão); e do filme "Snu" (2019), de Patrícia Sequeira. E a referida série televisiva foi uma das fontes de informação registradas pelas estudantes.

Em dois grupos, os estudantes colocaram a mítica padeira de Aljubarrota na lista das dez personalidades portuguesas que consideravam mais relevantes. Ainda que não soubessem o nome dela, identificavam a personagem como heroína, ou seja, uma mulher-exceção (Cabecinhas; Balbé, 2022). Assim representam a mulher dentro de um quadro historiográfico baseado na dominação masculina: em que essa mulher tem características que a distingue, como excepcional, pioneira, como uma exceção pela sua atuação. Segundo consta a lenda, a padeira Brites de Almeida teria matado sete inimigos castelhanos com sua pá de fofear e teria, assim, colaborado para a vitória de Portugal, comandada por D. João I e o seu condestável D. Nuno Álvares Pereira, contra o exército de João I de Castela e seus aliados na Batalha de Aljubarrota (1385). Além da padeira, um grupo escolheu também a medalhista olímpica Patrícia Mamona, tendo citado também a judoca Telma Monteiro e a modelo Sara Sampaio – essas duas últimas acabaram por ficar de fora da lista, definida em comum acordo entre os participantes.

Outra personalidade que foi incluída na lista de dois grupos é D. Maria II, tendo sido atribuída

a ela a característica de ser a "que apostou na educação" (Grupo 1), e por ter sido rainha (Grupo 3). Apesar de certa unanimidade ao não provocar qualquer discussão nessa escolha, em ambos os grupos, chama a atenção a observação quanto à escolha de apenas uma mulher para a lista:

Tomás: mas, nunca é nos referido muitas mulheres que tenham, assim, feito algo muito importante na história. Se fizeram, não nos... poucas coisas que fizeram, são referidas. Mas, parece que nunca nos falam. Então...

Laura: Acho que nas aulas de história fica sempre, quase sempre homens ao destaque (Grupo 3).

O nome de Carolina Beatriz Ângelo foi rapidamente citado na lista de um grupo (Grupo 5), contudo, quando questionados se ela havia sido estudada para justificar essa escolha, a resposta foi negativa:

Íris: Não estudamos. Foi um vídeo que um colega nosso nos enviou, da associação de estudantes, em que falava sobre a Beatriz Ângelo. Como ela é conhecida em Portugal, da saúde [...] e também tem um hospital em Lisboa, acho eu, com o nome dela (Grupo 5).

Essa referência chama a atenção porque, apesar de ter sido lembrada e reconhecida como uma personalidade de importância para a história de Portugal, o conhecimento sobre as contribuições de Carolina Beatriz Ângelo é limitado. Além disso, a fonte de informação foi um vídeo partilhado por um colega, ou seja, nem todos conheciam nem foi suficiente para que fossem atrás de mais informação.

O nome da Rainha Santa Isabel, embora tenha sido referido em outros grupos, permaneceu na lista somente em um grupo. Mesmo assim, houve questionamento se, por ter sido esposa de D. Dinis, ela deveria estar na lista como um casal, juntamente com o marido:

Sara: D. Dinis...

David: D. Dinis.

Todos concordam.

David: E a rainha Santa Isabel. Como são um casal, podem ficar na mesma?

Sara: Pode.

Luana: São diferentes personalidades

Moderadora: Não, acho melhor colocarem separadas, devem ter justificativas diferentes.

David: O D. Dinis, pelo desenvolvimento da língua portuguesa.

Eva: A universidade.

David: A universidade, o ensino... Agora a Santa Isabel foi a mulher dos pobres (Grupo 6).

Nesse mesmo grupo, além da Rainha Santa Isabel, Maria de Lourdes Pintasilgo foi escolhida entre as personalidades pelo fato de ter sido a primeira mulher a exercer o cargo de primeira-ministra (e ainda única) em Portugal. Maria de Lourdes também foi referência na Europa ao ocupar o cargo apenas dois meses depois de Margaret Thatcher, no Reino Unido, ou seja, a segunda primeira-ministra na Europa, e chegou a concorrer às eleições presidenciais de Portugal de forma independente. Ela representou Portugal na Organização das Nações Unidas (ONU), desempenhando, ainda, a função de Embaixadora de Portugal na Unesco, órgão da ONU dedicado à Educação, Ciência e Cultura – mas nenhum desses aspectos foi mencionado pelos estudantes.

Lembra-se que, dos 12 grupos, 4 não incluíram mulheres no Top 10. Num desses grupos, quando finalizada a lista, a moderadora questionou a ausência de mulheres e uma integrante prontamente respondeu: "Porque nem sequer é permitido ter esse tipo de visibilidade"; e foi complementada por outra colega, o que suscitou o seguinte diálogo:

Mara: As mulheres não tinham direitos, não eram tratadas como são hoje. Praticamente eram domésticas, não podiam fazer muito. Não podiam estudar, não podiam fazer nada. Então, não eram consideradas, não havia igualdade entre homens e mulheres em Portugal.

Yara: Viviam para ter filhos e cuidar dos filhos, basicamente.

Moderadora: Sim, de Portugal, da história nacional.

Rita: Eu sei que há uma mulher... É Beatriz, eu não sei bem o nome dela. Ela...

Ariana: Ângelo?

Rita: É.

Ariana: Foi a primeira mulher a votar, acho eu.

Rita: Sim.

Yara: Foi por causa dela que conseguimos ter o direito ao voto (Grupo 7).

Cabe referir que Carolina Beatriz Ângelo foi a primeira mulher a votar em Portugal, mas na condição de viúva e "chefe de família", quando as mulheres ainda não tinham o direito ao voto, em 1911 (Cabecinhas; Balbé, 2022). A partir de então, "em 1913, a lei passou a especificar que só os homens chefes de família podiam votar em Portugal" (Pimentel, Tamzali, 2014, p. 127). O sufrágio universal passou a existir somente após o 25 de Abril de 1975.

Quando questionados sobre o porquê da não inclusão de mulheres, acabaram por surpreender-se. Surgiram, assim, os primeiros nomes: a mítica padeira de Aljubarrota e Sophia de Mello Breyner Andresen. A seguir, listaram outras referências, como a fadista Amália Rodrigues, e de outras áreas como a política e educação, suscitando curiosidade, como mostra o excerto a seguir:

Benedita: a D. Maria II.

Margarida: Uau.

Bento: Também pode ser, exatamente.

Alfredo: É conhecida pelo quê?

Benedita: Inês de Castro. Inês de Castro é mais pelo romance.

Alfredo: É conhecida pelo quê, D. Maria II?

Benedita: D. Maria II dedicou-se à educação e criação de escolas e instituições para o povo.

Margarida: Sim. Eu até trocava ela pelo Cristiano Ronaldo.

Alfredo: Para isso metíamos D. Dinis.

Benedita: Oh, mas para isso então falamos de todos os reis que fizeram essas coisas.

Bento: Mas agora estamos à procura de mulheres.

Benedita: Queremos mulheres.

Martim: Temos a, ai, já não sei como é que ela se chama.

Bento: Eu, para mim, a Ana Gomes teve um papel importante.

Alfredo: Quem é?

Bento: Ex-eurodeputada e ex-embaixadora de Portugal, acho que foi na Índia. Acho que foi. Ela, ah, ela teve um papel importante em Timor

Alfredo: Nós tivemos rainhas portuguesas. Quem foi a última rainha de Portugal?

Martim: Ui, boa pergunta.

Alfredo: D. Catarina? Foi D. Catarina acho que...

Margarida: Atualmente, não tem nenhuma mulher portuguesa que seja assim

Bento e Martim: Atualmente (Grupo 11).

Nesse grupo, apesar da discussão, a lista inicial foi mantida; contudo, é de se notar que a referência a D. Maria II como "a educadora", que se dedicou à construção de escolas, acabou por se sobressair ao fato de que ela foi rainha de Portugal (entre 1824 e 1826 e entre 1834 e 1853) e mãe de dois reis, D. Pedro V e D. Luís I. D. Maria II nasceu no Rio de Janeiro (Brasil, em 1819), filha do rei Pedro IV de Portugal e da arquiduquesa Dona Leopoldina de Áustria. Além disso, durante o seu reinado, ocorreram diversas revoltas, como a Revolução Setembrina (em 1836) e a Revolta do Minho, conhecida como revolta da Maria da Fonte (1846). A revolta liderada por Maria da Fonte¹⁴ foi organizada por mulheres do norte de Portugal, nomeadamente da região do Minho, local onde os grupos focais foram realizados – mas ela não foi citada.

Dessa forma, é reforçado o papel de mulher "cuidadora" e "educadora". Também fizeram referência a mulheres da contemporaneidade e referência política, como à antiga eurodeputada Ana Gomes, que não foi citada como candidata à presidência da República, em 2021, mas em alusão ao seu papel durante o processo de independência do Timor-Leste, como chefe da missão diplomática portuguesa na Indonésia. Do mesmo modo, não houve referência a Marisa Matias, eurodeputada que também também foi candidata à Presidente da República.

É de se notar também que no momento em que os jovens voltaram a refletir sobre as personalidades mulheres, a partir dos retratos de personalidades de Moçambique (material-estímulo – figura 2) e do papel de Graça Machel na história daquele país, um jovem referiu que o papel da mulher em Portugal foi "ficar" enquanto os homens saíam: "O papel da mulher aqui foi marcado pela Segunda Guerra Mundial, por am-

bas as guerras, quando todos os homens eram obrigados a ir para a guerra e as mulheres ficavam a tomar conta de Portugal" (Alfredo, Grupo 11). Em concordância, uma colega afirmou: "E como em Portugal não houve guerra, não aconteceu nada" (Benedita, Grupo 11).

Noutro grupo, ao perceberem que não haviam incluído mulheres na lista, a moderadora questionou quem seriam as mulheres a serem incluídas. Nesse momento, houve discussão sobre a inclusão das cantoras Amália Rodrigues e Mariza e da poetisa Sofia de Mello Breyner (Grupo 4). Ao observar as imagens de Moçambique (figura 2), uma estudante confundiu o rosto da atleta moçambicana Lurdes Mutola – campeã dos 800 m nos Jogos Olímpicos de Sydney – com a portuguesa Patrícia Mamona, atleta de triplo salto, mas foi logo corrigida pelos colegas explicando que Patrícia é portuguesa. A moderadora chamou, então, a atenção para a lista de personalidades portuguesa:

Moderadora: O que é que vocês acham disso?

Diana: machismo...

Gustavo: Bom, assim, se calhar a maior parte das figuras portuguesas são assim mais antigas, não são tão recentes e como, tipo, antigamente, era mais machista...

Madalena: Pensar numa mulher recente ...

Moderadora: Mas aqui, e na lista de vocês, tem mulher? Se vocês pudessem inserir, quem vocês colocariam?

Lucas: Tem mulheres aí?

Diana: Uma escritora, talvez.

(percebem que não)

Tiago: A Sofia de Mello Breyner.

Lucas: A Mariza, né? Aquela do fado...

Gustavo: Ah, mais a Amália. A Amália Rodrigues.

Diana: A Amália Rodrigues!

[...]

Moderadora: Alguma outra mulher? Por que vocês acham que não aparecem mulheres aqui? A Eduarda falou de alguém do desporto.

Madalena: A Patrícia Mamona.

Diogo: Talvez pela cultura não sejam muito celebradas, infelizmente. É uma coisa que

¹⁴ PORTUGAL. **Revolta Maria da Fonte**. Assembleia da República Portuguesa. Disponível em: <https://www.parlamento.pt/Parlamento/Paginas/Revolta-Maria-da-Fonte.aspx>. Há estátuas dedicadas à Maria da Fonte no norte de Portugal, em Póvoa do Lanhoso e Aveiro, em Lisboa e em Bissau, na Guiné-Bissau.

falta, porque na história. Pronto, antigamente, infelizmente, é "comum" que seja só homens destacado, infelizmente. Mas, até atualmente, talvez é a cultura, não sei explicar porque a gente esqueceu isso. Porque, realmente, a gente esqueceu e só quando você falou... (Grupo 4).

Noutra situação, uma estudante referiu haver diferenças de gênero quanto ao destaque e à relevância na história:

Laura: Primeiro eu acho que algumas das épocas que nós citamos aqui os nomes, as mulheres não tinham a grande relevância e supostamente os homens tinham aquela mentalidade de que as mulheres eram para cozinhar, para cuidar dos filhos, para ter filhos. Então nem tinham a oportunidade de fazer grandes marcos. Nenhuma mulher foi numa nau descobrir uma rota para a Índia, por exemplo. Porque tinham que ficar em casa com os filhos. Eu acho que também se deve a isso. Por exemplo, na altura do Salgueiro Maia não havia mulheres na tropa portuguesa. Eram só homens.

Tomás: As mulheres só começaram a ter mais reconhecimento há pouco tempo. Portanto, é por isso que quando pensamos em alguém da história, pensamos sempre em pessoas antigas e antigamente só se falava de homens (Grupo 3).

Assim, ambas as narrativas acabam não só apagando a luta das sufragistas portuguesas, por exemplo, como reforçando o modelo dominante de memória pública marcada pelo androcentrismo (Cabecinhas; Balbé, 2022). Cabe salientar, contudo, que essa supressão histórica não pode ser compreendida como responsabilidade individual dos estudantes em questão, mas, sobretudo, deve ser tomada como um fenômeno social, sendo necessário problematizar as afirmações em função das aprendizagens escolares e sociais às quais os estudantes estão submetidos. Uma das sufragistas portuguesas é a já referida Carolina Beatriz Ângelo, médica e ativista, a primeira mulher a realizar uma cirurgia e a votar em eleições em Portugal. Em sua homenagem, há um hospital na região da grande Lisboa, Hospital Beatriz Ângelo, de referência no atendimento a pacientes com Covid-19; por isso, no período, foi citado todos os dias na mídia – apesar disso, o nome de Beatriz Ângelo foi incluído na lista de apenas um grupo.

Uma jovem ainda complementa: "Essencialmente as mulheres que aprendemos importantes,

por exemplo, é na escola e é em história e porque são as mulheres do rei" (Benedita, Grupo 11). A afirmação condiz também com resultados de análises de imagens e das representações de quem tem rosto e voz nos manuais escolares do ensino secundário em Portugal (Balgé; Botelho; Cabecinhas, 2023; Cabecinhas *et al.*, 2022). Assim, como referem Pimentel e Tamzali (2014), as mulheres tinham o espaço no privado e os homens é que ocupavam o espaço público.

O colonialismo: "só era bom para o país colonizador, para o país que é colonizado nunca é bom"

As palavras mais referidas em relação ao colonialismo foram "escravidão", "violência", "guerras", "conquista" e "independência". A ideia da exploração foi recorrente:

Margarida: Porque o colonialismo só era bom para o país colonizador, para o país que é colonizado nunca é bom.

Bento: Eu referi domínio, pelo simples fato de que se está a passar agora na atualidade e, em parte, é parecido só que também com um propósito também semelhante que é em termos de riqueza do país, os recursos que tem e aquilo que se pode aproveitar ou que a gente pode extrair dessas colônias. E no caso da invasão da Rússia à Ucrânia é o que é que a Rússia vai poder extrair da Ucrânia. E ela vai tentar extrair o máximo que a Ucrânia tem de energia atômica, energias não renováveis, etc. (Grupo 11).

Rodrigo: Massacre.

Alexandra, Afonso e Lara: Escravidão.

Rodrigo: Poder.

Moderadora: Massacre, escravidão. Mais alguma coisa?

Alexandra: Discriminação racial.

(Grupo 2).

Por outro lado, mais de um grupo disse que há dois lados, ainda que tenha sido "melhor para Portugal", citando ainda países que foram outrora colônias:

Madalena: O Brasil.

Diana: Angola, Moçambique...

Madalena: Escravatura.

Diogo: Dominação

Moderadora: Dominação, escravatura, domínio.

Rafael: Opressão.

Lucas: Mas vai dar tudo a mesma, opressão, a escravatura... Exato, tenho uma, fico com uma dúvida nesse ponto.

Diana: Exato, há uma dúvida...

Lucas: Tem o lado mau, sobre a escravatura e dos indígenas e tudo. Mas, se calhar também a intervenção de Portugal também ajudou economicamente o país, que na altura não era... tipo a região... Não sei, não sei até que ponto é que foi bom ou foi mau.

Diogo: Foi bom para Portugal.

Madalena: Para Portugal não há dúvidas que foi bom, não é [risos] (Grupo 4).

A questão dos territórios foi levantada, fazendo-se referência também às mortes causadas pelo colonialismo desde a chegada ao Brasil (em 1500) e durante a ocupação das antigas colônias africanas, ao tráfico de pessoas escravizadas, ao regime Salazarista, à guerra colonial e ao fim do Império Português (1975):

Maria: Território. Império, porque, por exemplo, Salazar...

Moderadora: Colonização. A primeira palavra que vem na cabeça quando vocês pensam nisso? Império?

Maria: Sim, porque Salazar via as colônias como seu império. Porque ele sentia se, era como ele dizia como orgulhosamente nós, no sentido que a Europa lhe virou as costas e o mundo, e ele tinha mais confiança nas suas próprias colônias, mas, não deu lá muito certo. Não é? Mas, essa era a intenção dele. É esse ponto de vista.

Leonor: Escravização, fizemos as colônias, e fizemos com as outras colônias. Uma em cada uma. Também foi a matança, porque matamos certos povos, como, por exemplo, no Brasil nós matamos os povos indígenas, só porque eles não nos obedeciam (Grupo 1).

Além de Salazar (1889-1970), o nome do Padre António Vieira (1608-1697) foi citado em mais de um grupo, como neste que trouxe um exemplo de um nome relevante na história do Brasil, o Zumbi dos Palmares (1655-1695):

Yasmin: Salazar.

Mateus: O Padre António Vieira.

Yasmin: Ou o Padre António Vieira.

Moderadora: Por quê esses nomes?

António: De Salazar porque, por não querer dar a independência às colônias, que provocou a morte e a revolta de milhares de pessoas e a destruição de milhares de famílias.

Mateus: Dos dois lados.

António: Sim, dos dois lados. E o Padre António Vieira por tentar, de certa forma, impor a religião católica aos nativos que já tinham a sua própria cultura, tinham a sua própria religião.

[...]

Jorge: Acho que o Zumbi dos Palmares, também, não sei se eles [referindo-se aos colegas portugueses] conhecem. É um escravo que fugiu e que lutou contra os portugueses, para liberar os escravos.

António: Isso já não nos contam.

Sara: Pois...

Jorge: Ele era escravo e ele fugiu e tem a história que ele usava as correntes que ainda estavam presas nele para bater nos portugueses (Grupo 8).

Zumbi dos Palmares foi o líder do Quilombo dos Palmares, considerado um dos maiores símbolos da resistência negra à escravidão durante o período colonial. A comunidade chamada "quilombo" era formada por ex-escravizados, seus descendentes e indígenas. O Quilombo dos Palmares habitava a região onde hoje é o estado de Alagoas, no Nordeste brasileiro. Zumbi foi morto a 20 de novembro de 1695. O dia de sua morte foi instituído como o dia da Consciência Negra¹⁵ no Brasil em 2011 e passou a ser feriado nacional através da Lei n. 14.759, de 21 de dezembro de 2023.

Noutro grupo, as referências às personalidades também variaram entre séculos, ainda que tenham trazido também a referência sobre o transporte de pessoas escravizadas:

Laura: Ah, Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral ...

Salvador: Aquele rei...

Duarte: Sei que Portugal foi um país muito, muito colonial e que havia, por exemplo, que exportou... É o primeiro exportador de esca-

¹⁵ A Lei n. 12.519, de 10 de novembro de 2011, instituiu o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, adotado como feriado em seis estados brasileiros. Em 21 de dezembro de 2023, o presidente Lula da Silva aprovou a proposta do Congresso Nacional e declarou o dia 20 de novembro como feriado nacional. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=14759&ano=2023&ato=264k3ZEgoMZpWTeac>. Acesso em: 8 jan. 2024.

vos. E exportou 2 milhões e quinhentos mil escravos... (Grupo 3).

Quando questionados sobre o impacto do colonialismo na atualidade, a língua portuguesa foi considerada um dos exemplos. Um dos grupos também havia feito essa referência para justificar a importância de Camões e sua obra *Os Lusíadas*. Dois grupos citaram o racismo e a discriminação racial, além das consequências econômicas no desenvolvimento desses países colonizados.

Gustavo: Por exemplo, a língua né? se calhar é um dos mais evidentes.

Diogo: O desenvolvimento.

Moderadora: O desenvolvimento, por um lado. Por outro lado, a língua como uma comunidade de língua. O que mais? O que ainda hoje a gente pode identificar como impacto?

Lucas: O racismo nos países. O racismo.

Tiago: Problemas econômicos.

Diana: A pouca evolução dos países da África.

Moderadora: A pouca evolução, aqui a Diana diz, a pouca evolução dos países da África. O Lucas fala do racismo. O Tiago falou sobre problemas econômicos. Tudo muito associado...O que mais?

Madalena: Eu acho que em alguns países da África que Portugal dominou, eu acho que ainda hoje eles sentem consequências disso.

Moderadora: Então, vocês acham que quanto menos tempo, esse impacto é mais evidente, é isso?

Madalena: Sim.

[...]

Gustavo: Esta eu acho que não tem muito a ver com Portugal, mas colonialismo em África, eu acho que a pessoa que se destaca mais foi Nelson Mandela, toda a gente conhece. Só não tem muito a ver com Portugal, acho eu. África do Sul. África do Sul, pronto, já está. Acho que foi um líder que lutou pelos direitos e foi preso, não foi? durante 20 e tal anos (Grupo 4).

Ainda que o racismo tenha sido mencionado como impacto junto com questões econômicas nessa discussão, há um reconhecimento de que o racismo ainda está presente na sociedade (Macedo; Balbé; Cabecinhas, 2023). Nesse excerto, chama-nos ainda a atenção que um estudante tenha feito referência a um líder sul-africano. Sem negar o legado do ativista e político sul-africano Mandela, importa aqui refletir sobre o profundo desconhecimento das lutas antirracistas e seus

protagonistas em Portugal e nos territórios outrora colônias portuguesas.

Um dos desafios de evitar generalizações e simplificações da história, como apontado por Meneses (2008, p. 76), tem via dupla: "explicar a persistência da relação colonial na construção da história mundial, ao mesmo tempo que se propõem alternativas à leitura desta história". Ou seja, é preciso promover um ensino crítico, descentralizar as narrativas eurocêntricas (Meneses, 2008) e proporcionar espaço para debate "onde os jovens possam questionar tabus, conhecer e compreender outras realidades, (des)construindo visões sobre o passado, presente e futuro" (Macedo; Balbé; Cabecinhas, 2023, p. 18).

Notas conclusivas

Neste artigo, apresentamos debates sobre memória pública e educação a partir de análise de grupos focais com estudantes do ensino secundário português e, mais especificamente, através das discussões sobre as personalidades "lembradas" pelos jovens como as mais relevantes na história do País e porquê. As personalidades mais lembradas foram Luiz Vaz de Camões e Fernando Pessoa. Sobre Camões, no entanto, poucos estudantes reconheceram a sua imagem e reforçaram que a obra *Os Lusíadas* foi importante disseminadora da língua portuguesa.

O nome de Salazar, referido por quase todos os grupos, considerado como uma importante personalidade para a história de Portugal, não foi unânime na sua forma de descrição. Enquanto alguns o viam como um bom gestor por não ter envolvido Portugal na Segunda Guerra Mundial, outros destacaram o seu papel como ditador e também o modo como operou o regime colonial português na África. Tais resultados vão ao encontro dos obtidos por Barca (2007), que investigou os marcos da história nacional e mundial e seus protagonistas, tendo sido caracterizado o referido ditador "como 'vilão', causador de sofrimento infligido ao povo" (Barca, 2007, p. 122) na história de Portugal. De uma forma geral, estudantes mostraram um olhar crítico sobre a ditadura e o colonialismo.

As referências na cultura – literatura ou música – e no esporte trouxeram nomes mais contemporâneos, em relação aos quais os estudantes mantêm uma memória mais próxima, contrastando com as referências mais citadas de reis e navegadores do período expansionista. As mulheres são lembradas como as rainhas, educadoras e esposas na história de Portugal, como D. Maria II, e com casos de mulheres exceção – como o mítico caso da padeira de Aljubarrota. Em alguns grupos, houve um esforço ativo para inclusão de mulheres, que, de forma geral, são invisibilizadas na toponímia, nos manuais escolares, nos espaços públicos.

No que se refere ao reconhecimento de personalidades de Moçambique, os estudantes não conseguiram identificar o nome de nenhuma das personalidades retratadas, revelando um profundo desconhecimento sobre a história de Moçambique e de outras antigas colônias portuguesas. Por exemplo, Timor-Leste foi espontaneamente referido no contexto da "ajuda" portuguesa ao processo de independência que libertou o País dos 24 anos de invasão Indonésia, mas não foi feita qualquer referência aos pesados efeitos do colonialismo português no território. Poucos nomes de lideranças contra o colonialismo e outras violências, como a escravização, foram citados pelos estudantes.

Dentre as limitações deste estudo, cabe referir a restrição da análise a apenas algumas turmas (do 11º e 12º anos) e em escolas no norte de Portugal. A ampliação para outros níveis de ensino e outras regiões do País poderia promover novos resultados e debates sobre o tema. Entretanto, ressaltamos que este estudo contribui para a discussão sobre a memória social da história de Portugal, também sobre outros países de língua oficial portuguesa. São desvelados paradoxos que apontam para a sobrevivência do mito do luso-tropicalismo (Castelo, 1999); por outro lado, também apontam o racismo como consequência do passado colonial. Reforçamos que atividades de reflexão, como esses grupos focais, contribuem para a formação crítica dos estudantes, não somente sobre o passado, e o que lhes é

ensinado, mas de modo a refletirem sobre o presente e projetarem seu futuro.

Agradecimentos

Este trabalho foi realizado no âmbito do projeto "MigraMediaActs – Migrações, media e ativismos em língua portuguesa: descolonizar paisagens mediáticas e imaginar futuros alternativos" (PTDC/COM-CSS/3121/2021), e no âmbito do projeto UIDB/00736/2020 (financiamento base) e UIDP/00736/2020 (financiamento programático), financiados por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. Do mesmo modo, agradecemos aos/às revisores/as anônimos/as e à Equipe Editorial da Revista Estudos Ibero-Americanos pelo seu contributo à melhoria deste texto, e a todas as pessoas que colaboraram no estudo, sem as quais este trabalho não seria possível.

Referências

- ASSMANN, Jan. Communicative and cultural memory. In: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar (ed.). *Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook*. Berlin: De Gruyter, 2008. p. 109-118.
- BALBÉ, Alice; BOTELHO, Cláudia; CABECINHAS, Rosa. Mulheres cientistas? A representação das mulheres na ciência nos livros didáticos de história em Portugal. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 67, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/18094449202300670011>.
- BARCA, Isabel. Marcos de Consciência histórica de jovens portugueses. *Curriculo sem fronteiras* (on-line), v. 7, n. 1, p. 115-126, 2007. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss1articles/barca.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2024.
- BRAUN, Virginia; CLARKE Victoria. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, Londres, v. 3, p. 77-101, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp0630a>.
- CABECINHAS, Rosa. A memória da nação na era planetária. *Passados e futuros em debate. Análise Social*, v. 58, n. 249, p. 766-788, 2023. DOI: <https://doi.org/10.31447/AS00032573.2023249.07>.
- CABECINHAS, Rosa. Luso(A)fonias. *Memórias cruzadas sobre o colonialismo português. Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 45, n. 2, p. 16-25, 2019. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2019.2.32857>.
- CABECINHAS, Rosa. *Memórias (des)alinhadas. Representações sociais da história e comunicação intercultural. Lição de Provas de Agregação no Ramo de Ciências da Comunicação*. Braga: Universidade do Minho, 2018a.

CABECINHAS, Rosa. Quem quer ser apagada? Memória coletiva e assimetria simbólica. In: OLIVEIRA, João Manuel; NOGUEIRA, Conceição (ed.). Lígia Amâncio: o género como ação sobre o mundo. Lisboa: CIS-IUL, 2018b. p. 113-132.

CABECINHAS Rosa; BALBÉ Alice. Qui veut être effacée? Les femmes en tant qu'addendum dans les manuels scolaires de l'histoire en vigueur dans l'enseignement portugais. *Didactica Historica*, Lausanne, n. 8, p.1-10, 2022. DOI: <https://doi.org/10.33055/DIDACTICAHISTORICA.2022.008.01.71.long>.

CABECINHAS, Rosa; BALBÉ, Alice; CAMANHO Luís; CUNHA, Luís. Imagens e miragens do mundo lusófono nos manuais escolares de história portuguesas: visões do passado, presente e futuro. In: MARTINS, Moisés de Lemos; BALBÉ, Alice; MACEDO, Isabel; MABASSO, Eliseu (ed.). Portugal e Moçambique – Travessias identitárias e imaginários do passado e do presente. Famalicão: Húmus, 2022. p. 193-220.

CABECINHAS, Rosa; LIMA, Marcus; CHAVES, Antônio. Identidades nacionais e memória social: hegemonia e polémica nas representações sociais da história. In: MIRANDA, Joana; JOÃO, Maria Isabel (ed.). Identidades Nacionais em Debate. Oeiras: Celta, 2006. p. 67-92.

CABECINHAS, Rosa; LOBO, Paula. Grupos focais e investigação-ação. Potencialidades, limites e dilemas. In: MARINHO, Sandra; GONÇALVES, João (ed.). Metodologias de Investigação em Comunicação. Braga: Universidade do Minho, 2024.

CARDÃO, Marcos. A juventude pode ser alegre sem ser irreverente. O concurso Ye-yé de 1966-77 e o lusotropicalismo banal. In: DOMINGOS, Nuno; PERALTA, Elsa (org.). Cidade e império: dinâmicas coloniais e reconfigurações pós-coloniais. Lisboa: 70, 2013. p. 319-359.

CARDINA, Miguel. Memórias amnésicas? Nação, discurso político e representações do passado colonial. *Configurações – Revista de Sociologia*, Braga, n. 17, p. 31-42, 2016. DOI: <https://doi.org/10.4000/configuracoes.3281>.

CARETERO, Mario; BERGER, Stefan; GREVER, Maria. *Palgrave Handbook of Research in Historical Culture and Education*. Londres: Springer, 2017.

CASTELO, Cláudia. O Modo Português de Estar no Mundo: O Luso-Tropicalismo e a Ideologia Colonial Portuguesa (1933-1961). Porto: Afrontamento, 1999.

CHAVARRIA, Marcos. Entenda a "guerra de memes" entre Brasil e Portugal. Zero Hora, 2016. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2016/06/entenda-a-guerra-de-memes-entre-brasil-e-portugal-6025437.html>. Acesso em: 15 jun. 2024.

COSTA, Rita. Santas, mães, rainhas. Só 15% das ruas com nomes próprios são de mulheres. *Jornal Público*, 2018. Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/03/08/sociedade/noticia/santas-maes-rainhas-so-15-das-ruas-com-nomes-proprios-sao-de-mulheres-1805679>. Acesso em: 12 jan. 2024.

ECKER, Alois. Communications on History. Building Identity and "Making Sense of History" in the History Course - A Matrix for Empowering Historical Thinking. *Creative Education*, Glendale (CA), v. 13, p. 2680-2710, 2022. DOI: <https://doi.org/10.4236/ce.2022.138170>.

ERLL, Astrid. Relational Dynamics: Transcultural Studies and Memory Studies. In: MATOS, Mário; PAISANA, Joanne (ed.). *Transcultural Mobilities and Memories*. Famalicão: Húmus, 2023. p. 35-54.

FEIJÓ, João; CABECINHAS, Rosa. Representações da história de Moçambique por parte de estudantes universitários de Maputo. *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, Coimbra, n. 7, p. 37-52, 2009.

FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: Maria & Schmidt, 1933.

HALBWACHS, Maurice. Memoria colectiva y memoria histórica. Traduzido do francês por Amparo Lasén Diáz. *Reis - Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, Madri, n. 69, p. 209-219, 1995. DOI: <https://doi.org/10.2307/40183784>.

LINS, Luiza; BRASIL, Julia Alves; CABECINHAS, Rosa. "A história do meu país": reflexões sobre a memória social e os futuros do passado nas narrativas de jovens portugueses. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 133, p. 97-120, 2024. DOI: <https://doi.org/10.4000/11pr6>.

LOUREIRO, Bernardo. As mulheres nos nomes de rua em São Paulo. *Medida SP – Laboratório de visualização urbana*, 2018. Disponível em: <https://medium.com/medidasp/as-mulheres-nos-nomes-de-rua-em-s%C3%A3o-paulo-362cb8f36ed>. Acesso em: 20 jan. 2024.

MACEDO, Isabel; BALBÉ, Alice; CABECINHAS, Rosa. Cultura visual, educação e comunicação intercultural: grupos de discussão com estudantes no ensino secundário português. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 26, n. 48, 2023. DOI: <https://doi.org/10.36704/eefv26i48.7145>.

MENDES, Vanessa; VALENTIM, Joaquim Pires. O luso-tropicalismo nos manuais de História e de Português do ensino primário português no período colonial: um estudo exploratório. *Psicologia e Saber Social*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 221-231, 2012.

MENESES, Maria Paula. Mundos locais, mundos globais: a diferença da história. In: CABECINHAS, Rosa; CUNHA, Luís. *Comunicação Intercultural. Perspectivas, dilemas e desafios*. Braga: Campo das Letras e Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, 2008. p. 75-93.

MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, Cecília Salles. Memória, historiografia e política: a independência do Brasil, 200 anos depois. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 36, p. 23-42, 2022.

PERALTA, Elsa. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. *Arquivos da memória*, Lisboa, n. 2, p. 4-23, 2007.

PIMENTEL, Irene; TAMZALI, Wassyla. As mulheres na história e nas histórias. *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*, Lisboa, n. 32, p. 125-132, 2014.

SOLÉ, Maria Glória. A história dos manuais escolares do ensino primário em Portugal: representações sociais e a construção de identidade(s). HMe – Historia y Memoria de la Educación, Madri, v. 6, p. 89-127, 2017.

SOUSA, Vitor. As marcas do luso-tropicalismo nas intervenções do Presidente da República português (2016-2021). Revista Ciências Humanas, Taubaté, v. 14, n. 2, p. 10-24, 2021.

SQUINELO, Ana Paula; SOLÉ, Glória; BARCA, Isabel. O conceito "Escravidão" nos Manuais Didáticos de História: diálogos, itinerários e narrativas em Brasil e Portugal. História & Ensino, Londrina, v. 24, n. 2, p. 55-86, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5433/2238-3018.2018v24n2p55>.

VALENTIM, Joaquim Pires; MIGUEL, Isabel. Colonialism in Portuguese History textbooks: A diachronic psychosocial study. In: van Nieuwenhuyse, Karel; VALENTIM, Joaquim Pires (ed.). The colonial past in history textbooks. Historical and social psychological Perspective. Charlotte: Information Age Publishing, 2018. p. 133-154.

XAVIER, Janaina. A representação da mulher em monumentos históricos. Fênix - Revista de História e Estudos Culturais, Uberlândia, v. 17, n. 1, p. 263-284, 2020.

Alice Balbé

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho. Tem participado de projetos internacionais e desenvolvido investigação sobre representações, jovens, colonialismo, questões ambientais e de género. É investigadora no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) da Universidade do Minho.

Luiza Lins

Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil. Tem desenvolvido investigações sobre relações intergrupais, representações sociais, preconceito e identidades sociais. Atualmente, é investigadora no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, Portugal. Faz parte da equipe do projeto "MigraMediaActs – Migrações, media e ativismos em língua portuguesa: descolonizar paisagens mediáticas e imaginar futuros alternativos".

Rosa Cabecinhas

Professora no Departamento de Ciências da Comunicação e investigadora no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), Universidade do Minho. Tem desenvolvido investigação de natureza interdisciplinar e coordenado diversos projetos nacionais e internacionais sobre memória social, comunicação intercultural e mudança social. Entre as suas obras, destaca-se *Preto e Branco: A Naturalização da Discriminação Racial* (2017, 2. ed).

Endereço para correspondência

ALICE BALBÉ

alicedb.jornal@gmail.com

LUIZA LINS

luizaalins@gmail.com

ROSA CABECINHAS

cabecinhas@ics.uminho.pt

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.